



ESTADOS UNIDOS

Nas ruas contra Trump

Pela segunda vez em quatro meses, o magnata republicano é alvo de manifestações realizadas em todos os 50 estados do país. Mobilização convocada pelo movimento *No kings* (Sem reis) recebe críticas dos apoiadores do governo

Multidões tomaram as ruas de cidades dos 50 estados norte-americanos, ontem, em protesto contra as políticas do segundo mandato do presidente Donald Trump. O movimento *No kings* (Sem reis) esperava reunir milhões de pessoas em 2,7 mil atos convocados de costa a costa do país, das grandes cidades às pequenas localidades, e até mesmo perto da residência do chefe da Casa Branca em Mar-a-Lago, na Flórida, onde ele passa o fim de semana.

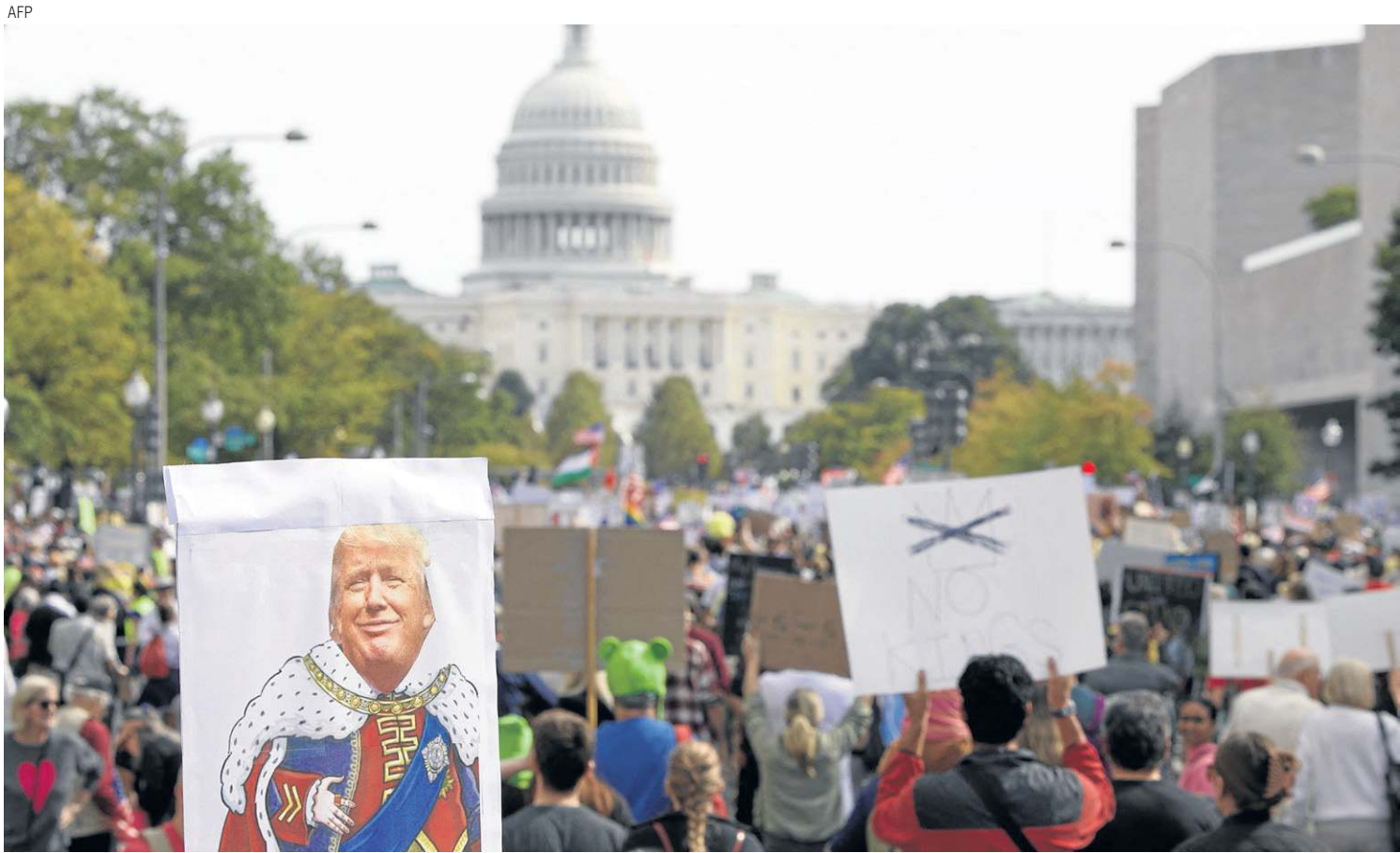
“O presidente acredita que seu poder é absoluto. Mas, nos Estados Unidos, não temos reis e não cederemos ao caos, à corrupção e à crueldade”, assinalou, em seu site, o movimento No Kings, que reúne quase 300 organizações.

A resposta de Trump à convocação dos protestos, pelo menos inicialmente, foi moderada. “Dizem que se referem a mim como um rei. Eu não sou um rei”, declarou ao canal Fox News. Seus principais aliados no Partido Republicano se mostraram mais combativos.

“Ódio”

O presidente da Câmara de Representantes, Mike Johnson, classificou a mobilização de uma manifestação de “ódio aos Estados Unidos”. “Vão reunir marxistas, socialistas, defensores dos Antifa, anarquistas e a ala pró-Hamas do Partido Democrata de extrema esquerda”, declarou Johnson.

O congressista democrata Glenn Ivey repudiou o termo “ódio” usado pelo republicano para classificar o protesto. “Entendo por que estão nervosos e tentam apresentá-lo de forma negativa. É realmente uma resposta ao que eles estão fazendo:



Em Washington, manifestantes marcham nas proximidades do Capitólio erguendo cartazes que criticam as políticas do magnata republicano

minar o país, destruir o Estado de Direito e enfraquecer nossa democracia”, acrescentou.

Foi a segunda grande mobilização contra o governo Trump, que completa, amanhã, nove meses. Em 14 de junho, milhões de pessoas participaram de protestos depois que Trump ordenou o envio de tropas a Los Angeles, uma medida que levou seus críticos a acusá-lo de agir como um ditador.

Na época, o chefe da Casa Branca prometeu usar uma força “muito

grande” se os manifestantes tentassem interromper um desfile militar em Washington DC. Desde então, o magnata republicano ampliou o envio de tropas a cidades norte-americanas, o que revoltou seus opositores.

Como em junho, os protestos de ontem transcorreram de forma pacífica. Além de cidades importantes, como Washington, Boston, Chicago, Atlanta e Nova Orleans, ocorreram manifestações em pequenos municípios, bem como fora dos EUA. Houve

atos no Canadá e em cidades europeias, entre elas, Londres, Madrid e Barcelona.

Conhecido crítico de Trump, o ator vencedor do Oscar Robert De Niro se engajou no movimento e convocou os norte-americanos a participarem dos protestos. “Tivemos dois séculos e meio de democracia (...) muitas vezes desafiadora, às vezes confusa, sempre essencial”, afirmou, em um vídeo. “Agora, temos um aspirante a rei que quer nos roubá-la: o rei

Donald I. Estamos nos levantando novamente, levantando nossas vozes de forma não violenta para declarar: Sem Reis”, ressaltou.

“Esse presidente é uma vergonha, e espero que haja milhões nas ruas hoje (ontem)”, disse à agência de notícias France Presse (AFP) Stephanie, 36 anos, que não revelou seu sobrenome. Funcionária de um hospital, ela chegou cedo ao bairro de Queens, em Nova York, onde centenas de pessoas já estavam mobilizadas.



Dizem que se referem a mim como um rei. Eu não sou um rei

Donald Trump, presidente dos EUA”



Nos Estados Unidos, não temos reis e não cederemos ao caos, à corrupção e à crueldade”

Movimento No Kings

Na quinta-feira, Deirdre Schifeling, diretora política e de defesa da União Americana pelas Liberdades Cívicas, afirmou que o objetivo das manifestações era transmitir que “somos um país de iguais”. “Somos um país de leis aplicadas a todos, do devido processo e da democracia. Não seremos silenciados”, assinalou.

Leah Greenberg, cofundadora do Projeto Indivisível, criticou os esforços do governo Trump para enviar a Guarda Nacional às cidades do país, reprimir migrantes sem documentos e processar opositores políticos. “É o manual clássico do autoritarismo: ameaçar, difamar e mentir, assustar as pessoas para que desistam”, disse Greenberg. “Não seremos intimidados”, acrescentou.



Civis recebem treinamento em Fort Tiuna, na região de Caracas

VENEZUELA

Maduro ativa plano de defesa

Em meio ao clima crescente de tensão no Caribe, o presidente da Venezuela, Nicolás Maduro, afirmou, ontem, que o plano de defesa contra as “ameaças” dos Estados Unidos foi acionado em todo o território, após a conclusão dos exercícios militares nos quatro estados do país que faltavam. Os treinamentos tiveram início depois que Washington iniciou uma operação antinarcóticos perto da costa venezuelana, em agosto, o que Caracas considerou uma intimidação para pressionar uma “mudança de regime”.

“Hoje (ontem), completamos todas as zonas de defesa integral do país, todos os estados”, disse Maduro em um áudio divulgado no Telegram. O chavista anuncia com frequência esse tipo de manobras, muito difundidas nas redes sociais, mas nem sempre traduzidas em operações visíveis.

Os treinamentos de ontem aconteceram em Guárico, Cojedes, Barinas e Portuguesa (centro), segundo o presidente. A maior parte dos exercícios militares da Venezuela acontece

durante a madrugada. Imagens de militares saindo dos quartéis foram exibidas pela TV estatal. Também participam a polícia, a Proteção Civil e um corpo militar integrado por civis.

Durante a semana, aconteceram exercícios na fronteira com a Colômbia, onde o governo venezuelano anunciou ter mobilizado 17 mil militares, assim como em Amazonas, Mérida, Trujillo, Lara e Yaracuy (oeste).

A presença naval dos Estados Unidos no Caribe foi divulgada pouco

depois de Washington acusar Maduro de liderar cartéis de drogas. Até o momento, os relatos indicam que seis embarcações de supostos “narcoterroristas” foram atacadas por navios norte-americanos, com um balanço de pelo menos 27 mortos.

Na última quarta-feira, Trump disse ter autorizado operações da CIA contra a Venezuela, mas sem revelar a data. Também afirmou que cogitava ataques terrestres contra cartéis de drogas do país sul-americano.

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

O NOBEL EVITA O BANCO CENTRAL

Por que a Revolução Industrial começou na Inglaterra, no século 18, e não em outro lugar? E por que ela continuou se expandindo mundo afora — primeiro para a Europa continental e para os Estados Unidos, na primeira metade do século 19 —, levando a um crescimento econômico duradouro e de uma prosperidade sem precedentes? Com mais cara de Prêmio Nobel de história, se houvesse, o Nobel de Economia fugiu do ringue principal e evitou confrontar juros, impostos e bancos centrais, que infernizam a economia mundial. Os economistas, talvez, esperem que as almas dos contribuintes se salvem somente na fé em memória de Alfred Nobel.

O Prêmio Nobel de Economia de 2025 acha o monopólio inimigo da evolução e defende o livre empreendedor. E foi dividido entre pesquisadores que ofereceram respostas ao fato sobre o que provoca “revoluções industriais”.

A primeira metade foi entregue a Joel

Mokyr, historiador econômico que tem várias publicações sobre o entrelaçamento de pontos fundamentais para explicar por que a Revolução Industrial começou na Inglaterra, no século 18, e não em outro lugar. Afinal, por que razões Manchester, no norte da Inglaterra, foi a primeira cidade industrial do mundo, e não outra na China, na França, na Alemanha, ou em qualquer outro lugar?

Mokyr demonstra, então, que foi a Grã-Bretanha, entre 1700 e 1850, que combinou de forma pioneira ideias, culturas, instituições e tecnologias que circulavam pelo mundo e que geravam a “receita” original para converter a conjunção dessas variáveis em crescimento econômico rápido e sustentado. Lá, o Iluminismo encontrou terreno fértil e, pela primeira vez, conhecimento pôde ser convertido em prosperidade material em larga escala.

A outra metade do prêmio foi concedida a Philippe Aghion e Peter Howitt, pela

autoria do artigo científico *Um modelo de crescimento por meio da destruição criativa*, de 1992, mais todas as suas repercussões que ajudaram a explicar por que e como o crescimento econômico se mantém e se renova desde a Revolução Industrial original.

O cerne da explicação é o conceito de “destruição criativa”, o qual foi formulado entre as duas guerras mundiais por Joseph Schumpeter. Em 1942, Schumpeter teorizou que o capitalismo é caracterizado por um processo constante de “destruição criativa” que explica tais ciclos, os quais são marcados sim por destruições, mais ou menos severas, mas que provocariam sua evolução.

Segundo o modelo matemático que criaram, quem foi grande ontem virou escada de quem é gigante hoje. Gigante que não quer que ninguém mais cresça. Ou seja, a quantidade de pesquisa, em determinado período, entre duas grandes

inovações, deve ser entendida como o fato de que o ganho com a pesquisa realizada nesse período está na perspectiva de lucros monopolistas no próximo. Esses lucros, porém, durarão apenas até que surja a próxima inovação, momento em que o conhecimento que sustentava esses ganhos se tornará obsoleto. Mais ou menos como Motorola, Nokia e BlackBerry foram do topo do mercado de celulares ao chão quando foram varridas pela “destruição criativa” dos smartphones, que, por sua vez, colocou Apple (mais seu sistema iOS) e Samsung (à frente de outras usando o monopolista sistema Android do Google) no topo.

Outro efeito é o equilíbrio do salário da mão de obra qualificada, que se desloca entre pesquisa e produção conforme os incentivos e as oportunidades de lucro dentro de diferentes esquemas de reprodução.

Um ponto central é que os grandes investimentos que os países fazem na educação e na ciência e que dão base para os também grandes investimentos necessários em Pesquisa & Desenvolvimento (P&D), realizados por organizações

públicas e privadas, são a chave tanto do sucesso dos empreendedores e das empresas quanto do crescimento do PIB.

Dias atrás, aliás, o próprio Romer lembrou, em evento da Confederação Nacional do Comércio (CNC) em São Paulo, algo que muitos parecem não entender sobre a lógica dos processos descritos acima: um país robusto como o Brasil precisa regular e taxar as grandes monopolistas estrangeiras do atual capitalismo global que são as “big techs”. Deve fazê-lo tanto para manter o controle sobre seu futuro digital, quanto para financiar sua própria pesquisa tecnológica. Recursos para investir em P&D com vistas a desenvolver “big techs” brasileiras devem vir da taxação dos negócios dessas empresas monopolistas estrangeiras no país.

O Nobel alerta para a força do ceticismo econômico provocado pelo mal-estar que é o monopólio. Incompatível com o empreendedorismo, o monopólio é uma enfadonha forma de morte da criatividade econômica.

PAULO DELGADO, sócio-gerente